

## Feminização e Feminilização no Ensino Superior: um olhar voltado para a literatura

**RAQUEL PERES MACÊDO<sup>1</sup>; DANIELLY JARDIM MILANO<sup>2</sup>; KÁTIA DOS SANTOS PEREIRA<sup>3</sup>; PATRÍCIA RODRIGUES CHAVES DA CUNHA<sup>4</sup>**

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – raquelmacp @outlook.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – daniellymilano @gmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas - katiacaqui@gmail.com*

<sup>4</sup>*Universidade Federal de Pelotas – pattycunha@yahoo.com.br*

### 1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa está integrada à investigação “*Perfil de ingreso, puntos de bifurcación en la trayectoria y desafiliación en el ingreso a la universidad. Un estudio de caso comparados en cuatro universidades de Argentina, Brasil, Paraguay y Uruguay*”, do Grupo de Pesquisa, Ensino e Extensão Democracia e Políticas Públicas – DPOP, filiado a área de conhecimento das Ciências Sociais.

Consideramos que existe uma persistência de desigualdades entre os cursos de vida para homens e mulheres pautados por representações sociais sobre os papéis a serem desenvolvidos na sociedade. Compreendemos que as representações sociais de gênero foram definidas a partir do processo histórico de divisão sexual do trabalho, que fundamentaram a relação de grupos antagônicos (homens e mulheres), construindo atribuições sócio-biológicas para atribuir atividades diferenciadas aos gêneros. (YANNOULAS, 2011).

As representações sociais se refletem nas escolhas de profissões e ofícios, ou seja, no imaginário social existem carreiras mais apropriadas para serem eleitas por homens e mulheres, que se refletem em “segregações horizontais”. O questionamento contemporâneo sobre esses papéis vem diminuindo a desigualdade de acesso ao Ensino Superior ao provocar o fenômeno da feminilização (MELO, 2007). Entendida como “uma perspectiva fundamentalmente quantitativa preocupada em descrever e mensurar” a participação feminina no espaço público. Contudo, persistem “segregações verticais” de acesso e permanência que não permitem uma “feminização” das instituições, compreendida como “uma perspectiva fundamentalmente qualitativa que procura compreender e explicar os processos” (YANNOULAS, 2011. p. 273).

A construção de uma carreira é resultante de um longo processo de formação que se inicia no Ensino Fundamental e envolve a socialização de valores e comportamentos de indivíduos, que vão se refletir na fase adulta. Assim, as carreiras vinculadas aos Recursos Humanos em Ciência e Tecnologia (RHCT), onde a matemática tem um peso decisivo, como as engenharias e/ou tecnologias da comunicação, atribuídas no imaginário social como tipicamente masculinas, continuam a apresentar grandes desigualdades de ingressos entre homens e mulheres (OLINTO, 2011). Esta realidade social permite a formulação do seguinte problema de pesquisa: Quais as variáveis identificadas pela literatura especializada que atuam como “barreiras invisíveis” para feminização e redução das desigualdades de escolhas e permanência no Ensino Superior?

### 2. METODOLOGIA

A metodologia adotada é a qualitativa, através da técnica de revisão bibliográfica sistemática, que é um método de busca e análise da produção científica em uma área de conhecimento específica. As bases de dados adotadas

para a realização da presente pesquisa foram os portais Scielo, Periódicos da CAPES e Scopus. Os *Strings* de busca utilizados foram “Feminização” e “Feminilização”. Os critérios de inclusão foram artigos completos, escritos por mulheres, publicados no Brasil, nos idiomas português e espanhol, entre os anos de 2017 a 2019, que tratem sobre o assunto da pesquisa no âmbito do Ensino Superior. Os critérios de exclusão delimitaram-se aos artigos que não discutiram sobre gênero em suas pesquisas e que não atenderam aos critérios de inclusão.

As buscas nas bases de dados a partir dos descritores (*Strings*) já mencionados, obtiveram os seguintes resultados: (a) Scielo: o total de artigos obtidos a partir do descritor “Feminização” foram 18, sendo nenhum destes duplicados, 11 foram excluídos pelo título, nenhum após a leitura do resumo, 4 pelo gênero do autor e 1 destes foi excluído por estar incompleto. Sendo assim, restaram 2 artigos para inclusão na revisão. Para o descritor “Feminilização” foram 2, nenhum destes duplicados, 1 excluído pelo título, nenhum pelo resumo e 1 pelo gênero do autor. Não houveram resultados para este descritor que atendessem aos critérios de inclusão. (b) Periódicos CAPES: A partir do descritor “Feminização” foram obtidos 61 artigos, 2 destes duplicados, 50 excluídos pelo título, 2 pelo resumo, 4 pelo gênero do autor e 1 artigo incompleto. Restando, assim, um total de 4 artigos incluídos na revisão. Para o descritor “Feminilização” foram 14, nenhum duplicado, 12 excluídos pelo título, 1 pelo resumo, nenhum destes excluído em decorrência do gênero do autor e 1 artigo estava incompleto. Não houveram resultados para este descritor que atendessem aos critérios de inclusão. (c) Scopus: Foram obtidos para o descritor “Feminização” o total de 31 artigos, sendo nenhum destes duplicados, 20 excluídos pelo título, 4 após a leitura do resumo, nenhum pelo gênero do autor e 1 após a leitura integral. Sendo assim, 6 artigos foram incluídos na revisão. A partir do descritor “Feminilização” houveram 8 artigos, nenhum duplicado, 5 excluídos pelo título, 1 pelo resumo e nenhum pelo gênero do autor. Restaram 2 artigos para inclusão na revisão. Após ser realizada a síntese dos resultados encontrados nas bases de dados, 7 artigos foram o total para o descritor “Feminização”. Já para “Feminilização” foram 2 artigos, sendo estes já inclusos nos resultados para o primeiro descritor.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da revisão bibliográfica sistemática realizada, constatou-se a inconsistência no uso das palavras “Feminilização” e “Feminização”. A indefinição dos termos e seu conteúdo - por vezes havendo a trocas de significados entre os dois - foram comuns e persistentes. Evidenciando, em um primeiro momento, uma lacuna nas literaturas que abordam as problemáticas na perspectiva de gênero no Ensino Superior, uma vez que não há essa diferenciação quantitativa e qualitativa propostas pelos conceitos citados. O processo de reconhecimento das “barreiras invisíveis” foram categorizadas de acordo com a leitura integral dos artigos selecionados devido a periodicidade com que apareciam.

As variáveis comportamentais e de socialização, entendidas como aquelas que centralizam a argumentação em divisões sexuais dos hábitos socioculturais para pertencer à comunidade, aparecem, por exemplo, com frequência nos estudos de feminização nos cursos da área de saúde e na pedagogia, acompanhadas pela discussão sobre as naturalizações sobre o cuidado como algo eminentemente feminino e, portanto, desvalorizado (MACEDO, 2019). A falta de estímulos durante a infância para que meninas participem de brincadeiras mais ativas, que incentivam a criatividade e o desenvolvimento de habilidades vinculadas ao raciocínio, juntamente com o

pouco incentivo por parte dos familiares para que façam cursos nas áreas ligadas às exatas são apresentadas como variáveis comportamentais e de socialização importantes (CASAGRANDE; LIMA E SOUZA, 2017). A violência simbólica é outra variável identificada (Idem), onde as barreiras se apresentam através de atos de assédio moral e expressões depreciativas e de assédio sexual.

Já as variáveis institucionais, que estão ligadas aos aspectos formais do Ensino Superior e que vão desde a infraestrutura inadequada até os processos burocráticos, tensionam repetidas vezes o fenômeno da dominação masculina dentro do espaço acadêmico e científico e a ideia de que apenas os homens estão aptos a ocupar cargos de liderança (LETA, 2003). A carência de políticas de equidade nas instituições no que se refere ao ingresso de mulheres em diferentes cursos, faz persistir a segregação sexual no Ensino Superior. Assim, decidir por um curso de hegemonia masculina, por exemplo, exige das mulheres um posicionamento de força e de frequente reafirmação de suas escolhas pessoais, torna-se um espaço de constante reivindicação de sua ocupação e enfrentamento (DE MORAES; CRUZ, 2018). O resultado é o maior número de mulheres nas áreas relacionadas ao cuidado e a relação com o outro, como a pedagogia e enfermagem, e os homens em cursos mais voltados a matemática, como as engenharias (DE MORAES; CRUZ, 2018).

Por fim, as variáveis históricas, alicerçadas na divisão sexual do trabalho como um princípio organizador da sociedade, reforçam as formas interseccionais de opressões que se somam à questão de gênero, como raça/etnia e classe. Assim, é possível observar a tipificação de profissões como femininas e masculinas, as primeiras geralmente relacionadas ao cuidado e atenção com o outro, e as segundas a cargos com papéis mais autônomos e, em sua maioria, ligados a profissões e posições sociais de sucesso (MELO-SILVA; DE TOLEDO; SHIMADA; DO CÉU TAVEIRA, 2019).

#### 4. CONCLUSÕES

Ao buscar responder o problema de pesquisa proposto, nos deparamos com uma literatura reduzida sobre os processos de feminização e feminilização no Ensino Superior. Cabe lembrar que os *strings* de feminização e feminilização podem ter ocasionado um resultado menor do que a opção “gênero e ciência”, termos mais tradicionais nas investigações de carreiras femininas na ciência. Teoricamente ficou demonstrado a necessidade de tratar com mais rigor os termos pesquisados, dada a imprecisão com que vêm sendo usados pela própria literatura. Foi possível constatar, também, que essa produção é majoritariamente feminina. Entretanto, as investigações estão ainda muito circunscritas a seus campos específicos de atuação profissional, denunciando que as barreiras para um processo de feminização do Ensino Superior percorre os diversos campos do saber.

O apanhado da literatura nos permitiu categorizar as variáveis identificadas como de três tipos: comportamentais, institucionais e históricas. O que contribui para análises mais abrangentes do tema, mesmo que variáveis como o assédio sexual necessitem de maior debate epistemológico e conceitual para justificar sua identificação em apenas uma das categorias. Orientada por uma metodologia que possibilita o reconhecimento de mulheres brasileiras como norteadoras de estudos recentes e substanciais, a pesquisa discute a importância de ter no processo de análise das políticas públicas a correlação entre gênero e o ingresso, as escolhas e as permanências das mulheres no Ensino Superior.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASAGRANDE,Lindamir S. LIMA E Souza, Ângela .M F. **Percorrendo Labirintos: Trajetórias e Desafios de Estudantes de Engenharias e Licenciaturas.** In: Cadernos de Pesquisa. Vol. 47. Nº163. São Paulo. jan-mar. 2017. p.168-200.
- DE MORAES, A. Z. Cruz, T. M. **Estudantes de engenharia: Entre o empoderamento e o binarismo de gênero.** Cadernos de Pesquisa. Vol. 48. Nº 168. São Paulo. abr-jun. 2018.
- desafios à feminização.** Caderno de Pesquisa. Vol.47 Nº.163. São Paulo Jan./Mar
- escolha por enfermagem e pedagogia.** Cadernos de Pesquisa. Vol. 49. Nº 172. São Paulo. Abr- jun. 2019.
- LETA, Jacqueline. **As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso.** Estud. av., São Paulo , v. 17, n. 49, p. 271-284, 2003 .
- LOMBARDI, Maria Rosa. **Mulheres em carreiras de prestígio: conquistas e**
- MACEDO, Renata. M. **Resistência e resignação: Narrativas de gênero na**
- MELO, Hildete. P. Gênero e perspectiva regional na educação superior brasileira. In: **INEP. SECRETARIA ESPECIAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA AS MULHERES** (Org.). Simpósio Gênero e indicadores da educação superior brasileira. INEP, Brasília, Vol.1, p. 63-84, 2007.
- Melo-Silva, L. L. De Toledo, A. G. Shimada, M. Do Ceu Taveira, M. **Interesses Profissionais em Estudantes de Engenharia Civil: Estudo com o Berufsbilder Test.** Revista Iberoamericana e Diagnóstico y Evaluación - e Avaliação Psicológica *RIDEP*. Nº 51.2019. p.197-210.
- OLINTO, Gilda. A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. **Inclusão Social**, Brasília, Vol. 5, n. 1, p. 68-77, 2011.
- YANNOULAS, Silvia Cristina. Feminização ou feminilização?: apontamentos em torno de uma categoria. **Temporalis**, Brasília, v. 11, n. 22, p. 271-292, 2011.